

## ***Lições do Passe – Seminário da Diretoria da EBP-Rio***

<http://www.ebprio.com/>

Coord. Marcus André Vieira

### **IV – Os cartéis do passe e a tartaruga do sinthoma<sup>♦</sup>**

Hoje pensei em não trazer nada novo, mas tentar amarrar as tantas noções com que temos trabalhado usando os relatórios conclusivo do período de trabalho de dois cartéis do passe, o Cartel A9 e o B9. Após dois anos de trabalho ouvindo passadores que relatam análises dos candidatos ao dispositivo, os passantes, tendo eventualmente nomeado AEs, o cartel elabora um relatório que é apresentado por seu mais-um. Do primeiro cartel o texto é de Serge Cottet, nosso colega de Paris. Do segundo, Miquel Bassols, de Barcelona nosso atual presidente. É muito rico, mais ainda porque após as duas apresentações, Éric Laurent as comenta.<sup>1</sup>

A seguir, para concluir nosso trabalho nestes encontros, quero retomar alguma coisa que ficou apenas esboçada no último encontro, sobre os paradoxos do infinito e o sinthoma, usando os personagens de Aquiles, Heitor Briseida e a tartaruga. Enfim, lembro a todos que a conclusão do semestre acontecerá no próximo encontro em que ouviremos o testemunho de Luiz Fernando Carrijo. Quem ainda não teve a experiência verá como é muito diferente o ensino do AE, como o deste seminário, e o testemunho. Aposto que encontraremos muito do que temos falado em ato e não em conceito.

#### **Recapitulação – o corpo falante e o corpo que fala**

Começo com algumas frases e pequenos divertimento de recapitulação. A primeira:

**1. *O corpo que temos, esse de todo dia com o qual nos deitamos e levantamos, esse corpo recebemos do Outro.***

Esse é o corpo falado e que vem a falar, basta a gente subjetivar o discurso que nos ganha. O corpo que temos é o corpo falado e que passará a ser o corpo que fala. O Congresso quer iluminar outra coisa, outro aspecto do corpo. Queremos buscar o *falante* do corpo que não seria exatamente a mesma coisa de um corpo que *fala*. Uma coisa é o corpo que fala, outra é o corpo falante. É uma distinção artificial, mas é bom que seja assim, que não seja tão clara a diferença dos dois, a coisa nem se projeta em termos de conceito, mas já permite que a gente sinta uma diferença, apenas com esse gerúndio.

**2. *O corpo que fala não é o corpo falante.***

Pensei, para a diferença ficar imaginariada, trazer dois cliques. São dois dos milhões de cliques que encontramos no *You Tube* de *baby talk*, crianças que começam

---

<sup>♦</sup> Este texto reproduz o quarto encontro do seminário “Lições do passe - O corpo falante e o final de uma análise”, atividade da Diretoria da EBP-Rio, sob a coordenação de Marcus André Vieira ocorrido em 25/5/15. Transcrição, Cida Malveira; revisão Marcus André Vieira.

a falar. Vejam o primeiro. Ele leva o seguinte título no *youtube*, que me pareceu muito bom “Um bebe define um argumento válido”<sup>2</sup>

Neste primeiro clipe, um bêbe fala com seu cachorro. Este é o corpo falado. Vamos entrar pelo lado menos habitual, pois as maioria das pessoas diz: “olha como ele já fala, já nasce com essa fala toda articulada, pronto para aprender o conteúdo, mas a capacidade já está lá é genética, inata”. Para a maioria esse clipe ilustra a fala inata. Para nós não, esta fala, com toda prosódia, toda pontuação, *vem a ele* e não *vem dele*, parafraseando Lacan em *Televisão*.<sup>3</sup> O discurso vem grande, inteiro quase, mas vem “de fora” tomando o corpo a partir da vida de cuidados que o acompanham desde o nascimento, no banho de cultura e linguagem em que ele foi jogado desde antes até de nascer. Impressiona, tão novinho e já todo tomado por isso, entende-se porque se tende a pensar que a linguagem articulada é inata. Nós diremos que o inato está lá e é importante, mas é um real inacessível sem a linguagem, só é acessível o que resulta do encontro entre isso e a linguagem, e que neste encontro, o que está no ar, na cidade, no mundo é o mais concreto e decisivo, é o Outro de Lacan. Vemos no clipe o corpo falado por este Outro que nesse momento está passando a palavra ao bêbe, em breve ele vai subjetivar esse discurso que já o toma e acreditar que quem fala é ele, só ele.

### 3. O corpo falante não é fala, mas pode ser

Veamos outro bebê,<sup>4</sup> eu chamaria esse clipe de “Pode ser fala, mas não é”. Não é preciso muito comentário. Perceberam a diferença? Ele ilustra bem a frase de Miller sobre o falante do corpo: “não é fala, mas pode ser fala.”<sup>5</sup> O outro já é fala.

Peço cuidado com esses exemplos porque ao colocarmos a diferença em duas crianças corremos o risco de imaginar que são etapas da evolução, que se passa do corpo falante ao corpo falado. Inclusive o segundo bebê parece ser mais novinho mesmo. Estamos esquematizando, opondo uma criança no momento do corpo falante e o outro do falado, só para ilustração e comparação. EM nosso trabalho, não há esses dois momentos, eles vêm sempre misturados. Lidamos apenas com o corpo falado, mas nele, sempre há um resto de falante que não se encadeou. Só lidamos com o segundo bebe, mas precisamos discernir o segundo sempre presente por trás dele, como uma sombra, porque também teremos que lidar com ele, tudo junto e misturado.

### 4. Quem fala no falante do corpo não é um sujeito

Para concluirmos essa galeria imaginária do falante do corpo, quero afastar o evolucionismo trazendo uma imagem do que seria o falante do corpo já no plano normal de todo dia, misturado com o corpo falado. Quero ler para vocês uma passagem do Walter Benjamim que vai trazer essa diferença não mais entre dois momentos da vida da criança, mas no mesmo dia, entre a vigília e o sonho.

## Sala de desjejum

Uma tradição popular adverte contra contar sonhos, pela manhã, em jejum. O homem acordado, nesse estado, permanece ainda, de fato, no círculo de sortilégio do sonho. Ou seja: ele pode lavar o rosto, mas a ablução chama para dentro da luz apenas a superfície do corpo e suas funções motoras visíveis, enquanto, nas camadas mais profundas, mesmo durante o asseio matinal, a cinzenta penumbra onírica persiste e até se firma, na solidão da primeira hora desperta. Quem receia o contato com o dia, seja por medo aos homens, seja por amor ao recolhimento interior, não quer comer e desdenha o desjejum. Desse modo, exatamente, evita a

quebra entre mundo noturno e diurno. Uma precaução que só se legitima pela queima do sonho em concentrado trabalho matinal, quando não na prece, mas de outro modo conduz a uma mistura de ritmos vitais. Nessa disposição, o relato sobre sonhos é fatal, porque o homem, ainda conjurado pela metade ao mundo onírico, quando conta o sonho o trai em suas palavras e tem de contar com sua vingança. Dito modernamente: o homem que conta o sonho trai a si mesmo. Está emancipado da proteção da ingenuidade sonhadora e, ao tocar suas visões oníricas sem sobrançeria, se entrega. Pois é somente da outra margem, do dia claro que pode o sonho ser interpelado por recordações sobranceiras. Esse além do sonho – para ele é o dia-a-dia - só é alcançável num asseio que é análogo à ablução, contudo inteiramente diferente dela. Passa pelo estômago. Quem está em jejum fala do sonho como se falasse de dentro do sono.<sup>6</sup>

Quem fala de dentro do sonho é o falante do corpo. Quem fala com café da manhã tomado, ou tomando, e contando o sonho é o corpo de todo dia, o corpo falado, consciente. Quando contamos o sonho de manhã, o fazemos passar pelo moinho do cotidiano onde é editado, triturado e arrumnado para perder sua intensidade, sua fúria. Aliás isso já começa quando acordamos e é por isso mesmo que a gente esquece o sonho. Só vai lembrar o que encaixa, o que faz algum sentido, mesmo se é um horror ou uma tristeza. Anotar o sonho pode ajudar a não perder isso, mas o melhor é correr para o consultório do analista antes de tomar café da manhã. A sessão de análise é o lugar para manter na vida o corpo falante e não do corpo que fala. A análise é experimentar a vida sem café da manhã.

##### 5. *Quem fala no corpo falante é a lalíngua*

Quando alguém vai para a análise e despeja seu falante, não tem jeito, mesmo na análise ele se articula, se organiza, na melhor das hipóteses como Outra cena. As proto-produções languageiras, intensas, “esparços disparatados” que constituem *lalíngua* se agrupam em formações do inconsciente que produzem um discurso do recalcado. Não é uma passagem par ao outro lado do espelho como queria Lewis Carrol, muito mais uma reconstituição do falante do sonho, relendo ou habitando o mundo da vigília, o que já pode produzir uma mudança na vida, uma na maneira diferente de estar no mundo. O final de análise vai envolver a dimensão de lalíngua e não dos discurso articulados entre cena e Outra cena.

##### 6. *A janela da fantasia é o que articula a cena e a Outra cena*

A *fantasia*, como matriz de leitura individual dessa intensidade toda que somos como falasseres, seres de fala, produzidos no encontro da linguagem com nosso corpo, nos acidentes singulares em que o mundo vai nos esculpindo, organiza, define, estipula. Sua estrutura é a de uma janela, que recorta alguma coisa e ao mesmo tempo delimita duas entradas: a do lado do sujeito e o lado do objeto. Como toda janela tem dois lados, o lado de quem olha e o do quem é olhado, e o que se vai fazer numa análise não é tanto encontrar a Outra cena, do lado do objeto, do recalcado e toma-la como a verdadeira cena, mas sim perceber que entre a cena consciente e a cena inconsciente há uma janela. Essa matriz define um lugar de objeto e uma posição de sujeito que vão se alternar numa espécie de gangorra.

##### 7. *A fantasia é uma janela que estipula uma gangorra: “sou onde não penso e penso onde não sou”.<sup>7</sup>*

Alguém vai à análise para encontrar o seu ser de sujeito que está em falta. Ele o encontra só que não tem como ser o que encontra, porque quando encontra está no lugar de objeto vivendo intensamente alguma coisa, conversando com seu

*buldogue*, mas não há ninguém ali para viver a coisa. Não há, a princípio subjetivação do lugar do objeto. Há autenticidade e certeza, mas assim que esse gozo de objeto é subjetivado, perde-se essas mesmas certeza e autenticidade. Vamos da falta-a-ser do sujeito ao objeto como causa e dejetivo e é isso que estamos chamando de gangorra da fantasia. Lembro sempre da seguinte piada nessa hora:

Um menino preto no Alabama dos anos 60, sofrendo muito tem uma ideia brilhante e resolve derramar uma lata de tinta branca na cabeça, vira para os pais e diz, “mamãe, fiquei branco”, leva uma surra. Encontra o pai e diz “agora sou branco”, outra surra. Ele fala, “não é verdade, tem dois minutos que sou branco e já tenho raiva de dois pretos”.

A matriz é: não importa de que lado se está, um preto será odiado por um branco, não importa para qual lado se vai, de onde se parte, quando é sujeito-branco odeia-se, quando se é objeto negro, apanha-se. Isto é a gangorra da fantasia.

*8. A fantasia é coordenada ao desejo do Outro como enigma, o sinthoma ao desejo do Outro como contingência*

Vamos para a análise buscando a cena mais verdadeira, na verdade ficaremos nesse vai e vem, entre-dois, entre dormir-acordar, numa matriz que será aos poucos capturada. Essa apropriação da matriz pelo analisante chamamos de construção ou atravessamento da fantasia. Há algum tempo designaríamos essa construção e conseqüente atravessamento de final de análise. Sempre houve a sensação de que era uma coisa a mais, além de se apropriar – creio eu – mais isso foi destacado por Miller apenas mais tarde, no Lacan do Seminário 23 com a noção de que era preciso “fazer com”, se virar com isso, *savoir-y-faire*. É o que foi teorizado a partir do conceito de sinthoma. A análise não envolve só a fantasia, envolve também uma dimensão que passamos a chamar de sinthoma, que é a dimensão do gozo que não é totalmente recoberto por essa gangorra da fantasia. Nem tudo que se vive vai ser recoberto pela fantasia. E a questão do final de análise é a questão do que fazer com esse gozo que não entra na fantasia. Sobre essa dimensão do Outro espero que Aquiles e a tartaruga possa nos esclarecer um pouco.

## **Os relatórios dos cartéis do passe**

### **I - Serge Cottet (cartel A9)**

Vamos à algumas frases selecionadas do cartel A9, de Serge Cottet. Elas dizem de outra maneira o que estamos tratando.

Uma análise começa com um trabalho com a patologia do Outro parental. Começa de alguma maneira com o fracasso do Édipo, fracasso das identificações que produz sintomas, perturbações e é o romance familiar que vai ser tratado desvelando a patologia do Outro parental (p. 72).

Está claro: começamos com as dificuldades da cena consciente, do roteiro de uma vida, seus impasses. Como ela é construída nos encontros com o Outro é natural que partamos desse Outro e de suas estranhezas e deficiências, que ele chama “patologia do Outro parental”. A seguir ele delimita o trabalho com a fantasia.

Sem esperar sistematicamente por uma “travessia da fantasia”, buscamos – o cartel do passe – numa análise saber a partir de qual a janela o sujeito olha o mundo [eu acrescentaria “e é por ele olhado como objeto”]. A partir daí chega-se a pelas

interpretações a uma grande redução e aí se destaca o papel do objeto pulsional. O objeto da fantasia, ou, mais simplesmente, o objeto do desejo, encontra seu enquadre, na maior parte do tempo em uma cena fundamental (...) (p.73).

O objeto da fantasia é exatamente aquilo que se apresenta no furo do Outro. Onde não sabia-se o que eu deveria ser, fui mais do que nunca alguma coisa, mas apenas alguma coisa, nunca um sujeito.

Esses objetos, que obturam e desvelam a falha do Outro são postos em série com os momentos constituintes do desejo (p. 73).

Aqui, um passo a mais. A posição de objeto parece ser uma solução para o problema do sujeito, mas é muito ambíguo, ele tanto obtura quanto desvela. Ele é desse modo um tampão porque o sentido da vida, parece que foi encontrado, a falha do Outro foi completada e a tentativa é de síntese sujeito-objeto, ideal inalcançável. Isso é o que Cottet chama de objeto pulsional, tampão, ele sustenta a gangorra infinita da fantasia.

A análise conduz assim: primeiro a verificação da alienação, dessa apreensão pelo discurso que o sujeito faz, romance do sujeito, falha paterna, furo no Outro (...) Fomos sensíveis aos diferentes modos de separação do sujeito em relação a um objeto obstrutivo e condensador, seja de gozo, seja daquele de uma dependência amorosa ou passional (p. 73).

Vemos a esquematização de um percurso de análise. Primeiro identificar a alienação do sujeito, preso a uma cena em que ele não tem o gozo e a Outra em que é objeto, mas tem gozo. Finalmente será preciso se separar desse gozo de objeto, tão forte, que eventualmente mudou sua vida, pois ele pode ter mudado de posição na fantasia, mas não mudou de fantasia, a matriz continua ditando as regras.

Fomos sensíveis - no Cartel do Passe -, aos diferentes modos de separação do sujeito, em relação ao objeto obstrutivo e condensador, seja do seu gozo, na versão masculina, condensador de seu gozo, seja na dependência amorosa passional, no caso feminino, condensador de gozo como objeto dependente do amor (p. 79 a 81).

É essa separação do objeto que estamos colocando aqui abrir-se ao campo do *sinthoma*. Não é abandonar a matriz, porque não há vida fora dela, mas é apropriar-se dela o bastante para, digamos, jogar com ele e não dentro dela. É o que ele diz da seguinte forma:

Dada a separação desse gozo do objeto, na fantasia, um vazio se encontra para além do semblante.

É isso que estamos tentando interrogar. O que é esse além do semblante, além da fantasia?

Ele faz referência ao passe da Patrícia Bosquin, que trabalhamos bastante.

Esse distanciamento da moldura da fantasia permite tomar a medida quase geométrica de uma extinção da paixão pelo pai, origem do sacrifício do sujeito, assim como de sua propensão a se fazer devorar pelo Outro (p. 75).

A separação do objeto para ela se traduziu como uma extinção da paixão pelo pai e da devoradora de emoções.

Ela se dá conta de em quais fogos ela ardera até então. Ela renuncia a ser o objeto perdido do pai (...). A base pulsional – oral – de seu sacrifício em nome da mãe, confere, desta feita, a chave de sua paixão pela causa das mulheres “fartar-se das lágrimas do drama feminino” (p. 75).

Ainda assim, corremos o risco de entender como um esvaziamento progressivo que dá uma impressão de ascensão aos céus. Melhor interrogar a separação com o objeto pulsional.

## II - Miguel Bassols (cartel B9)

Passemos ao relatório assinado por Bassols.

Ele assimila o objeto pulsional ao supereu, pois como afirma Lacan, o objeto a poder ser o mais inconveniente supereu”.<sup>8</sup> De fato, o gozo de objeto pode ser um empuxo irresistível viciante, obrigatório. A separação será dita, então uma separação para com o supereu.

Posição do analista: caso ele não esteja no lugar requerido pela ética do discurso analítico, ele pode se fazer agente e cúmplice do empuxo-a gozar, que, segundo Lacan, caracteriza o supereu (79).

Se não houver uma separação com o mais-de-gozar, outro nome para o objeto pulsional da fantasia, não haverá a possibilidade de sair da distancia da gangorra da fantasia, ao mesmo tempo o mais de gozar é uma maneira de gozar, é este o ponto onde estamos. A fantasia tanto indica onde mais gozo como onde não há gozo, a questão toda é se separar desse jogo. Vejamos como ele diz:

A interpretação dada pela criança à frase, frase da mãe ouvida a partir de uma teoria sexual infantil, adquiriu para o sujeito o valor de uma castração sofrida pela mãe (...). Ao desvelar para o analisante a “verdade mentirosa” dessa sequencia, o analista lhe permitiu cernir o sentido gozoso (*sens joui*) da frase. Cessando então de *crer* na versão da castração (p. 78).

Não retomaremos o caso. Apenas vamos ficar com esse “cessar de crer”. É assim que ele retoma a separação com a fantasia e seu gozo de objeto. É difícil pensar isto conceitualmente temos que nos contentar com figuras retóricas. O Fabian Naspatek tem um jogo de palavra para isso, ele diz não é descrever é *ex-criar*, agora sou um ex-crente da fantasia, que nos leva à ideia de “desabonado do inconsciente” com que Lacan designa Joyce e que tem como uma das traduções possíveis, acho que é o Ram Mandil, que o traduz assim, *ex-assinante*. Não sei se Joyce alguma vez foi assinante da fantasia, mais para os passantes, o que está em jogo é sempre como se tornar um ex-assinante do inconsciente como inconsciente fantasmático.

E finalmente:

A fantasia se revela então, como sendo apenas uma ficção, na qual o mais-de-gozar se fazia parceiro do sujeito no lugar do Outro que não existe” (p. 83).

## III - Éric Laurent, comentários

Extinção, ex-crença, ficção. Vejamos o que diz Laurent:

Trata-se na análise de se livrar de um gozo embaraçoso, ligado ao objeto da fantasia, Trata-se de se abrir para o vazio, além do semblante, agarrando um semblante (...). Trata-se de alguma maneira de uma separação que não deixa de ser um luto pelo objeto (p. 87).

Aproximar essa separação do luto nos dá um caminho muito rico a ser explorado quem sabe em outros encontros, mas sabemos como Lacan associou o final de análise ao luto em seus dois aspectos, perda e liberação de um fardo.<sup>9</sup>

Esta separação não é o encontro com alguma coisa nova. Não é o encontro de nada, porque tudo o que pode ser significado estará do lado da fantasia.



Então é a presença de alguma coisa, fora do sentido, que nos ajuda a nos separar do objeto, do gozo da fantasia. A frase que separei no texto de Laurent é: “Satisfação secreta e opaca”. Assim, muitos dos relatos se referem ao gozo não recoberto pela fantasia: gozo opaco, gozo do *sinthoma*. Opaco vem nomear muitas vezes, esse outro gozo que se apresenta e que não é o gozo da fantasia.

Dizer que essa dimensão do *sinthoma* é opaca é indicar que não tem como ser a terra prometida. O falante do corpo, se ela é a dimensão de um gozo que não é tomado no discurso, de qualquer maneira essa dimensão não existe por si só, separadamente, ela nos habita, como destaca Walter Benjamin, secreta e opacamente. Então a ideia de que para minha vida existe uma espécie de saída no campo da fantasia para a entrada no campo do *sinthoma*, é uma falácia.

No entanto, marcamos uma cesura entre a fantasia e o *sinthoma* para marcar que a entrada desse outro gozo numa análise produz alguma coisa que conclui, separa, mas é alguma coisa que se faz com isso que conclui. A conclusão não está em continuidade com o trabalho de redução da fantasia. A fantasia pode ser reduzida aos seus mínimos elementos eu continuo na gangorra, mas vamos ter que saltar da gangorra, isto que vou fazer não está previsto na gangorra, isto que a cesura vai marcar.

O *playground* da transferência é a própria gangorra, e para se “propulsionar” como diz Anne Lysy em seu relato de passe, para se propulsionar, será preciso se servir de algo, fazer algo com o gozo que não está previsto na gangorra. É como Graciela afirmou neste seminário ano passado se referindo ao gozo feminino: “o gozo feminino não está em continuidade com o gozo masoquista das mulheres”. Assumindo-se, simplificando-se, que o gozo da fantasia das mulheres seja mais comumente masoquista, o que ela está dizendo é que será preciso fazer alguma coisa com o gozo que não é masoquista, para concluir e não com o gozo masoquista. É o que a cesura marca bem e que tem relação com o ato, como Romildo insistiu.

**Romildo:** existe alguma coisa na fantasia, na narrativa, que não cabe na fantasia. É o que Jacques Alain-Miller chamou de resto absoluto.

**Marcus:** Como Romildo está lembrando, esse gozo opaco pode até ser chamado de resto, mas absoluto. Esse *absoluto* fala de um gozo não recoberto não vai entrar na fantasia, mas entra na sua vida. O que entra na vida então vai entrar opaco, porque só entraria mais ou menos legível se entrasse pelos caminhos dos seus modos de gozar.

## O *sinthoma* e a tartaruga

O relatório de Bassols se conclui com um tema que é o tema do limite, justamente, aqui se tem a impressão que é um limite que se tem que ultrapassar para tudo ficar ordenado, a ideia de função e limite tem que ser pensada de outra maneira, e aí vamos sair desse visual.

O tema do limite será crucial no final da análise. Mas há várias maneiras de considerar um limite e é isso que muda. Trata-se da mudança da relação com o impossível. Vamos retomar o paradoxo de Zenão, citado por Lacan no final da primeira lição do *Seminário 20*. Teremos em cena um herói, Aquiles, em sua relação com três possibilidades de Outro encarnada em três figuras: Heitor, Briseida e a Tartaruga.

Heitor fazia parte do paradoxo, mas foi retirado. Já a tartaruga não estava lá, pelo menos não na versão de Aristóteles ela parece ter sido introduzida por Simplicio, ou melhor reintroduzida, se consideramos a leitura de J. C. Milner, que me serve de base.<sup>10</sup>

O paradoxo da dicotomia, que é figurado como da flecha que nunca atinge o alvo é o fundamento da situação. É o primeiro dos paradoxos do movimento de Zenão. Ele enuncia que quem se movimenta nunca vai chegar a lugar nenhum porque a toda passada dada pode ser dividida em metades e toda metade pode sempre ser ainda dividida, no final haverá sempre mais uma metade da metade a ser percorrida antes de chegar ao alvo. Não há como atingir o alvo.

O importante é perceber que entre a flecha e o alvo, há um infinito e que esse infinito não é o mesmo das infinitas metades. Isso fica mais claro quando comparamos Aquiles e Heitor no segundo paradoxo, aquele entre dois objetos em movimento.

Aquiles está na guerra já há anos e por ter perdido Briseida, sua escrava preferida, retira-se, desiste. Os gregos são desafiados por Heitor, o campeão de Tróia, para um combate singular entre ele e o campeão dos gregos, Aquiles. Pátroclo decide usar a armadura de Aquiles e toma seu lugar sendo morto por Heitor.

Ao descobrir isso Aquiles volta à cena com todo seu ódio e corre atrás de Heitor para vingar a morte do amigo. Mas Heitor é muito veloz e agraciado por Afrodite neste momento, corre tanto quanto Aquiles.

Citando a Ilíada, “assim como o homem, em sonho, não consegue deixar de perseguir um fugitivo, tanto quando esse por sua vez não consegue não fugir, assim Aquiles naquele dia, nem conseguia dizer em torno da corrida nem este escapar dele”.<sup>11</sup> Ocorre, então, que Atenas dá a Aquiles a passada que faltava e então ele correndo mais rápido consegue matar Heitor.

Se você corre atrás de alguém ou de alguma coisa que se move em um movimento como o seu, ou seja, que corre em passadas, este alguém ou é mais lento, ou mais rápido ou igual. Caso seja igual ou mais rápido, impossível alcançá-lo. Entendam, é um impossível binário. Ou bem se alcança ou não. Se não, é impossível. Mas é um impossível sempre igual a ele mesmo, feito de passadas que se multiplicam ao infinito.

Já o movimento da tartaruga é outra coisa. Ela não é mais lenta, mas nos termos de Aristóteles, mas a mais lenta. Esse detalhe será lido por Lacan não como o mais lento entre movimentos metricamente comparáveis, não é um “mais lento” quantificável, mas um tão mais lento que nem se pode dizer que seja lento ou não. O movimento da tartaruga não pode ser comparado ao das passadas do herói. Não é, portanto, mensurável.

Voltamos, então, de certa forma ao paradoxo da dicotomia. Cada vez que Aquiles correr para perto da tartaruga, terá andado o necessário, mas ela andou um pouquinho, muito pouco, mas andou. O que ele pode fazer é ultrapassar a tartaruga, ou muitas outras coisas, o que ele não pode é emparelhar com a tartaruga. É impossível emparelhar com ela, mas este impossível põe em cena outro infinito. O infinito da distância entre cada passada, que pode ser subdividida ao infinito. Assim entre uma passada e outra há um infinito. Este infinito não é o das passadas, é uma espécie de infinito interior. Ao primeiro Cantor chamará de infinito potencial, o segundo de infinito atual.



A corrida com Heitor representa tudo o que ocorre dentro de uma noção de infinito. Posso pensar em correr mais, emparelhar etc. Esse é infinito métrico, do falo, do gozo fálico. Isso é o que chamamos habitualmente de infinito.

Aqui Lacan convoca Briseida. Aquiles pode correr atrás dela e ela pode jogar o jogo fálico e apresentar-se com uma corredora. Ele conseguirá alcançá-la imaginando ter emparelhado-se com ela, Mas ela é um pouco tartaruga e nunca estará bem onde ele imaginava encontrá-la. Aquiles, como diz Lacan no seminário 20, ele pode transar com Briseida, e aí ele alcançou e no que ele alcançou ele perdeu, tem que correr atrás da próxima. A série das mulheres vai ao infinito do mesmo jeito. O infinito em potencial e impotencial, tudo junto.

A tartaruga é a marcação de alguma coisa que não tem um movimento, possível de colocar na passada. O movimento dela é contínuo, o de Aquiles é descontínuo. Esse espaço de relação com o limite que nunca será alcançado, mas que pode ser ultrapassado. É nesse sentido que eu quis trazer a diferença entre Heitor e a Tartaruga.

A tartaruga é o *sinthoma* é o nome de nossa singularidade. Se a singularidade é uma coisa completamente real se é completamente real e meio subjetiva, ela vai dar um lugar aconchegante, ela anda, nossa singularidade não fica parada inscrita no passado. Não vou retroceder, agora eu vou encontrar, senão estaria no infinito “impotencial” e não iria mudar nunca. Eu vou encontrar a singularidade.

O que a gente chama de singular de minha análise vai se apresenta de várias maneiras e não de uma só. Não é um limite ao dizer no sentido de sempre o mesmo muro, mas um impossível que se desloca. O *sinthoma* é um pouco tartaruga. Vou ficar na vizinhança dele, não vou estar com ele no bolso.

A ideia de que você tem um ponto e esse ponto é o limite, qual vai ser o limite nesse sentido? Esse ponto, se eu considerar esse ponto, eu que não consigo alcançá-lo, ele faz parte de todos os acontecimentos da minha vida, esse é o ponto que dá sentido a todos eles, o ponto de origem. Vamos considerar que eu force para alcançar esse ponto de origem. Esse é um limite tomado como um teto ou na fronteira do campo. Esse limite vai dar conta de todos os acontecimentos, eu posso pensar esse limite como externo e não alcançável, se inalcançável, ainda assim, ele dá o tom a todos.

É um infinito descontínuo, em termos de passadas que se repetem ao infinito. Enquanto estou dando as passadas não estou no infinito, nunca chego ao infinito, o infinito é só uma ideia potencial. Esse infinito é, por exemplo, o infinito dos números inteiros, 1,2,3,4,5. Essa é a noção básica do infinito.

O Paradoxo de Zenão que vai interessar é outro infinito, não é o mesmo. É o infinito entre uma passada e outra é o infinito atual. Esse infinito é o infinito da pesquisa de Cantor que interessou a Lacan. Esse infinito existe, esse é o verdadeiro infinito potencial, o outro é o falso infinito.

Lacan usa a palavra ilimitado e infinito atual. Não falemos em ilimitado, para não opor o infinito e o ilimitado. Podem parecer duas coisas que não tem nada haver uma com outra, mas têm. A maneira diferente de viver a relação com o objeto, isso é que vai fazer a diferença.

Se esse objeto for vivido como inalcançável, estamos no infinito potencial. Já o infinito atual é o infinito do *sinthoma*. Se o objeto for inalcançável, mas ultrapassável, como tartaruga, nós estamos no infinito atual.

Como passar da impotência para a impossibilidade, como passar do infinito potencial para o infinito atual? Depende de como se lida com o objeto, com essa coisa que persigo. Vamos chama-la de real. O real como inalcançável no lança no infinito potencial e na análise infinita. O real como não alcançável, mas ultrapassável, no lança no infinito atual.

**Romildo:** retomando o que você está dizendo, se pensarmos em termos de tempo.

*Fantasia e análise infinita // ato* Do lado direito estamos fora da duração de tempo. No primeiro intervalo temos a fantasia e análise infinita e no segundo intervalo o tempo criado, não uma duração. Quando passamos de um para o outro, existe uma mudança de tempo, aqui você pode falar de duração e ir ao infinito, mesmo numa análise infinita. Do outro lado a duração é zero.

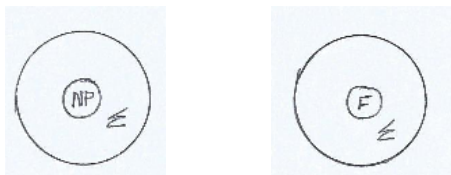
**Marcus:** Podemos dizer que a vivência temporal naquele espaço tem uma espessura. Do ponto de vista da contagem. Uma das maneiras matemática é poder dizer que o infinito potencial é o infinito descontínuo e o infinito atual é o infinito contínuo. É uma espécie de sentimento de eternidade, um sentimento de presentidade, de estar e não tanto mais além. Do ponto de vista do tempo cronológico, não tem tempo nenhum, é zero. A tartaruga é muito mais o lugar dessa alteridade, lembro-me de que Ângela falou “não é exatamente Outro”, é, não é exatamente Outro. Nos sonhos e em outros lugares, eu vou encontrar nessa posição, vai faltar nessa posição. Posso fazer tudo com ele, menos emparelhar com ele, parar, sossegar e dizer, ele está aqui, esse é o meu sinthoma, esse é o singular, aqui é minha singularidade, eu consigo dizê-la de várias maneiras, e nisso estou sempre em volta dela e com ela, mas eu não estou ao lado dela.

**Romildo:** não tenho muita certeza, mas tenho a impressão que ajudaria muito para a ideia de infinito, sobretudo no caso de Briseida se pensasse na série de Fibonacci. Eu tenho a impressão de que tem tudo haver com a produção de um resto absoluto.

**Marcus:** acho que sim, você já sugeriu isto algumas vezes, tem que parar numa hora qualquer e retomar essa série.

Pensei, para ilustrar a diferença entre os dois espaços o do infinito potencial, e o atual, às vezes chamado por Lacan de ilimitado, em outra maneira de figurar a relação deles, que vem desde a conversação de Archon, quando se propõe que o Nome do Pai é um caso particular do sinthoma.

Não podemos dizer que o gozo na fantasia é um caso particular do gozo no sinthoma? Que o real da fantasia é um modo de lidar com o real e muitos outros existem, tantos quantos existem singularidades na clínica psicanalítica. Ao conjunto inconsistente dessas singularidades (porque não fazem categoria, não há o universal deles) vamos chamar de conjunto dos sinthomas, ou galáxia dos sintomas. A fantasia é um tipo de sinthoma dentro da galáxia de sinthomas possíveis



Somos seres de fala, somos falantes e porque falamos somos. Uma das maneiras de ser porque falamos é sermos o personagem de uma novela, que tem um texto principal e um texto secundário, uma na. Cena e Outra cena, a fantasia. Há muitas maneiras de se ser desde que se fale. Falar o discurso da falta-a-ser é típico de uma

dessas maneiras. Somos sujeitos da saudade, sujeitos da falta-a-ser. Por isso a ideia do falante do corpo, falasser, pode servir para englobar todas as possibilidades considerando que uma delas, nessa grande família de falasseres, uma tribo é a tribo dos neuróticos, uma tribo é daquelas que vivem como sujeitos procurando o objeto e que sonham com a terra do *sinthoma*.

Lembrem que o tema do congresso é: o inconsciente no século XXI, talvez tenha que incluir tudo que se faz com a fala e não apenas novelas que vivemos por conta do destino. Nessa definição muito *lato sensu*, o inconsciente pode incluir outros que antigamente chamaríamos de psicóticos e autistas.

Nosso próximo encontro, vamos retomar isso tudo com o Luiz Fernando, naquele outro modo de participar da transmissão psicanálise que é o testemunho.

---

<sup>1</sup> *Opção lacaniana*, n. 60, São Paulo, EBP, 2011, pp. 71, 77 e 87, respectivamente.

<sup>2</sup> [https://www.youtube.com/watch?feature=player\\_detailpage&v=Sg7cTj9\\_Tz0](https://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=Sg7cTj9_Tz0), acesso em 20/7/15.

<sup>3</sup> Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 527.

<sup>4</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=l0rK7x71wAg>, acesso em 20/7/15.

<sup>5</sup> Miller, J.A. "Falar com seu corpo", *Opção Lacaniana*, 66, São Paulo, 2013, pp. 11-18 e [http://www.enapol.com/es/template.php?file=Argumento/Conclusion-de-PIPOL-V\\_Jacques-Alain-Miller.html](http://www.enapol.com/es/template.php?file=Argumento/Conclusion-de-PIPOL-V_Jacques-Alain-Miller.html), acesso em 15/7/15.

<sup>6</sup> Benjamin, W. *Rua de mão única*, São Paulo, Brasiliense, 1987, p. 11.

<sup>7</sup> Lacan, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, 521.

<sup>88</sup> Lacan, J. O seminário livro 10, a Angústia, Rio de Janeiro Zahar, 2003, p. 321.

<sup>9</sup> Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 259.

<sup>10</sup> Milner, J. C *Detections fictives*, Paris, Seuil, 1985, p. 45 e seguintes.

<sup>11</sup> Homero, *Ilíada*, XXII, apud Milner, *op. cit.* p. 53.